

AUXÍLIO EMERGENCIAL É ESSENCIAL

Raymundo Pinto¹

Em meio a tantas notícias ruins ou péssimas em várias partes do mundo, dando o Brasil não pequena contribuição, tomei conhecimento há poucos dias de uma reportagem a respeito de como foi enfrentada a pandemia na Nova Zelândia, um país de dimensão reduzida formado por duas ilhas e que fica na Oceania. Sua população é relativamente pequena – 5 milhões de habitantes – o que não a impediu de ser atingida pela terrível doença. Interessa saber que meios usou seu governo, tendo à frente uma mulher: a primeira-ministra Jacinta Arden, para mostrar ao mundo a maior vitória que se tem notícia sobre o coronavírus. Aos primeiros sinais do vírus, em março/20, as fronteiras foram fechadas, seguindo-se um rígido lockdown de seis semanas. As viagens aéreas foram canceladas, inclusive as domésticas. O êxito da campanha se deveu em grande parte à liderança da indicada governante (o que falta aqui entre nós) e sua coragem em tomar as medidas necessárias, não se deixando abater por uma forte oposição, em especial partida dos agentes de negócios.

Os analistas que observaram os fatos positivos que ocorreram na Nova Zelândia fizeram questão de destacar que, sem dúvida, ali também a economia sofreu bastante com os inevitáveis reflexos sentidos após as decisões que limitaram as atividades econômicas em geral. Nesse ponto, assinala-se que o governo daquela Nação logo percebeu que se impunha aprovar um generoso auxílio financeiro aos mais pobres, os quais, ficando em isolamento em casa por causa do lockdown, teriam de dispor de algum dinheiro a fim de adquirir alimentos e outros bens básicos. Da mesma forma foram socorridos titulares de pequenos negócios e prestadores de serviço. No total, a ajuda alcançou o equivalente a 50 bilhões de reais.

Infelizmente, para nós brasileiros só nos resta ficar com uma pontinha de inveja dos acontecimentos ocorridos no indicado país. Ainda na semana passada (e tudo indica que a gravidade deve continuar), o número de mortes pela covid-19 aqui, em apenas 24 Horas, ultrapassou 4.000, o contágio chegou perto de 100.000 pessoas por dia e os

¹Desembargador aposentado do TRT, é escritor, membro da Academia de Letras Jurídicas da Bahia e da Academia Feirense de Letras. racpinto@uo.com.br. Publicado na Tribuna da Bahia de 14/4/21.

hospitais, em quase todos os estados, denunciavam a falta de leitos de UTI e dos insumos a serem usados em pacientes intubados.

Comparando as duas situações, é muito importante ressaltar que já está no tempo de nossas autoridades, principalmente o negativista presidente da República, se conscientizarem de que não adianta insistir que as medidas mais radicais de isolamento social impactam sobremaneira a economia e a torna inviável. Vale lembrar que o próprio Ministro da Economia, Paulo Guedes, respeitado por Bolsonaro, teve a sensatez de um dia proclamar que a solução dos problemas econômicos passa pela vacinação em massa. Mirando o bom exemplo, observe-se que a famosa primeira-ministra Jacinta nã ;o se limitou ao distanciamento social entre as determinações que impôs no seu país. A fim de não prejudicar a economia, ela aplicou bilhões para atender os chamados vulneráveis, sem o que fica impossível que estes sobrevivam com o mínimo de dignidade. No Brasil, foi válida a medida que criou o denominado auxílio emergencial. As consequências positivas foram evidentes e até o presidente conseguiu ver sua popularidade ampliada.

O grande erro foi, em janeiro do corrente ano, não ser providenciada de imediato a prorrogação da iniciativa. Decorridos três meses sem nenhuma ajuda, só agora em abril os pobres e miseráveis começam a receber a ajuda média de R\$ 250,00, inferior às anteriores, mesmo assim com muitos receios de técnicos em finanças de que se deve cumprir, com rigor, os limites orçamentários (o chamado “teto dos gastos”). Ora, em tempos de graves e prolongadas crises sociais, como a atual, que envolve a saúde, as precauções sobre despesas públicas não dev em ser exageradas. O célebre educador baiano Anísio Teixeira dizia: “A boa educação é cara, mas a guerra é também cara e se faz a guerra”. Como estamos em plena guerra contra um inimigo invisível, não podemos vacilar sobre a importância das vacinas, que são, de fato, as principais armas para vencê-la, porém, se não queremos atingir as atividades econômicas com outras providências igualmente urgentes e necessárias, incluindo o isolamento social, a implantação de um novo auxílio emergencial é algo, sem nenhuma dúvida, essencial nesta hora e urge aumentá-lo.